

METAFÍSICA DOS CLICHÊS

PARA JOVENS QUE SE TORNARAM ADULTOS CEDO DE MAIS.

LUCAS PIRES

Brasília - DF IDP 2019

METAFÍSICA DOS CLICHÊS

Lucas Pires dos Santos

Instituto Brasiliense de Direito Público - IDP
Brasília – DF
2019

P667

Metafísica dos clichês.[recurso eletrônico]. / Pires,
Lucas. – Brasília: IDP, 2019.
22 p.

LIVRO ELETRÔNICO

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-9534-034-3

1.Autobiografia. 2.Brasil. I. Título.

CDD: 920

Ficha catalográfica elaborada por Isabella Maria Silva Barbosa CRB-1/2170

PREFÁCIO

Sem nenhuma expectativa real de vida, tento no meu íntimo realizar-me com aquilo que mais gosto de fazer.

Externar meus sentimentos estariam para mim assim como o oxigênio está para a vida: ao mesmo tempo em que alimenta o fôlego ao entrar pelos pulmões daqueles que o inspiram, sai, levando consigo tudo o que há dentro do peito, que é onde geralmente residem os sentimentos mais elevados, íntimos e sublimes.

De fato, sou um fanfarrão metido a escritor e tenho por ídolo um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, cuja obra lida fora apenas uma, porém, mais de uma centena de vezes, que nem se quer mesmo entre os homens da terra viveu, e quem dera a nós se tivéssemos compartilhado do ar em que ele respirava: poesia.

Carregava em meu coração parte de seu poema, **“Não sou nada, não posso querer ser nada, nunca serei nada, à parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo”** (A. Campos - Tabacaria) Pois entendia que mesmo nos momentos que sentia todas as forças do mundo lutando contra tudo o que acreditava, valia a pena querer, sonhar e acreditar nos antigos clichês.

Tente entender-me: Jovem rapaz, que em sua biografia carrega a verdadeira identidade do povo brasileiro, que luta por seus objetivos e ideais acreditando que a felicidade advém dessa guerra

íntima, travada dia após dia, a qual muitos insistem em chamar de sorte e poucos compreendem seu real significado. Que não se contenta em realizar apenas um de seus sonhos, mas tantos quantos puder sonhar.

Aos dezoito já entendi que a vida é feita de caminhos e escolhas, e compreendi que mesmo com as expectativas de vida não sendo reais de forma alguma, ou realizáveis de forma alguma, não havia problema, de forma alguma, já que nunca fui muito de acreditar naquilo que era real, de forma alguma.

É perfeitamente compreensível entender o porquê um jovem que se considera amante de seus sentimentos, se sente obrigado a refletir se está mesmo no lugar em que deveria estar. Afinal de contas, passar a vida toda num ambiente e não se sentir em casa com certeza quer dizer alguma coisa.

Era como se eu fosse o dono de todas as aves do mundo, porém, elas estivessem sempre em constante voo, não importava quando nem onde, apanhá-las com as mãos era impossível.

Tudo ali era hostil, como se fosse perigoso aceitar as coisas que simplesmente vinham. Aceitar essas coisas, vindas sem batalhas, sem lutas, sem sacrifício, por mais pequenas que fossem, era frustrante e era sem volta. Afinal, do que adianta ao homem ter tudo nas mãos se não sabe o peso, a medida e o cuidado com que deve segurar?

Sim. Aquele lugar era tóxico. Não haviam dificuldades além das dificuldades, não haviam coisas que me fizessem sentir se quer as penas em minhas mãos, ao invés disso, tudo o que sentia era pena, sim, pena. Porque eu havia acordado de um sonho, mas os outros não. Eu tinha aberto meus olhos para a vida e visto o poder que tinha de mudá-la, mas os outros não. Compreendi que não fazia sentido ser dono de todas as aves do mundo se a finalidade da posse era as ter só para mim.

Entendi que lugar de ave é no céu e que a única maneira de as ter era voar junto a elas, e voei.

Desejar tanto uma coisa a ponto de chorar por ela não fará com que você a tenha, pois, *“O mundo é para quem nasce para o conquistar e não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão”* (A. Campos - Tabacaria).

Como já deve ter percebido, tudo por aqui é bem utópico e cíclico, no fim, será sobre levantar-se e andar, tirar a ideia do papel e seguir um caminho seja lá qual for, travar lutas consigo mesmo, escolhas e sonhos. Logo, já aviso: esse livro É UM CLICHÊ.

Aquilo que parecia a história de alguém especial até pouco tempo atrás, acabará se familiarizando com a sua e quando menos esperar esse livro vai estar falando de você, eu prometo. E é justamente isso que o difere dos demais: perceber que você em sua humilde simplicidade poderia tê-lo escrito; entender perfeitamente que alguém te entende perfeitamente, e por fim, perceber que cada um dos clichês que existem no mundo, não são clichês à toa.

Primeira Parte

Em 2005 eu ainda não sabia, mas ser o orador da turma no dia da formatura lendo um discurso de três páginas sem errar, gaguejar ou tropeçar nas palavras era inacreditável, para uma criança com apenas cinco anos de idade então, surpreendente. Durante todo o ensino fundamental me destaquei, não pelas notas boas é claro, mas digo, o modo como percebia os professores, como entendia que eles seriam minha melhor chance de mudar não só a minha como a vida de todos que estavam ao meu redor ainda tão novo, era incrível. Não dava para entender o que esse rapazinho aqui via que os outros colegas não viam, mas era coisa de outro mundo, e com certeza mudou a minha vida.

Pode não ser muito sabe? Mas como eu já disse, tente me entender: pai alcoólatra, de família pobre, nascido, crescido e criado na periferia da cidade, ali na escolinha da comunidade, rodeado de traficantes, prostitutas, ladrões e outras más influências, eu quis ser como seus professores. Não pergunte o porquê. Apenas entenda que sempre que os via, via também esperança.

Aliás, é a cada um deles que deve essas palavras. As teorias loucas da vida dizem que nós enquanto seres humanos de momento, somos em essência uma junção de fatores que nos fizeram ser quem somos hoje. E se hoje estou fazendo o que faço e da maneira que faço, é graças aos pequenos moldes em que meus professores me forjaram ao longo da minha vida.

Confesso que não sei o que era, mas havia um brilho em mim tão grande que ninguém conseguia apagar. Ah... que saudades daquele garotinho que ia lá e fazia o que tinha que fazer, sempre na hora certa. Que abria a boca e dizia o que precisavam ouvir sempre que precisassem ouvir. Que vencía os concursos de poesia porque acreditava que desde pequeno já era um grande poeta, que separava as brigas dos amiguinhos porque entendia que os motivos eram fúteis demais para serem realmente, motivos. E não que isso seja ruim, muito pelo contrário, mas é que nós não podemos fazer o que temos que fazer sempre. E entenda poder aqui não como o poder de fazer, mas como o poder de decidir. Decisões difíceis me acompanham desde os primórdios.

Era mais uma noite como as outras em casa, tudo ia bem como na maioria das vezes, quando de repente, assim do nada, como um barril de pólvora que explode com o acender de uma simples e inofensiva faísca, explode também mais uma briga de casal. Não dá para expressar numa folha de papel o sentimento que uma criança de doze anos de idade sente ao se ver no meio de uma verdadeira troca de insultos e xingamentos de ódio entre as duas pessoas que mais admira no mundo, mas se desse para descrever em uma palavra o que senti, excepcionalmente aquela noite, com certeza essa palavra seria: Basta. E então eu fiz.

Sim, fiz, coloquei um basta na situação. E foi ali que pela primeira vez na vida agi como o homem que sentia ser. Chamei meu pai para conversar lá fora, sob a luz da lua. E no meio da conversa disse que seria melhor que ele não morasse mais com a gente, que doía ver a dor de minha mãe já exausta e desgastada pelo tempo em situações como aquela e que doía mais ainda saber que o meu

pai havia se tornado um monstro inconsciente governado pelo álcool, então sim, aos doze mandei meu pai sair de casa.

Talvez tenha sido a dor mais dolorida que senti na vida. O pequeno havia crescido e como sempre quis ser grande esqueci que com um tamanho maior você tem que enfrentar problemas um pouco maiores também.

Graças a Deus o meu pai não saiu de casa aquele dia, mas com certeza as atitudes futuras dele mostraram que a nossa conversa fez ele acordar de um sono profundo que o álcool o induzia sempre. Fez com que ele percebesse que estava na hora de agir como homem também, que tinha uma família precisando dele e principalmente, que tinha um garotinho de doze anos assumindo seu lugar.

Não me arrependo de ter sido tão duro com ele aquela noite, graças a minha atitude, mesmo que por um milésimo de segundo; o tempo que uma estrela cadente leva para cair do céu e deixar seu rastro de luz, vi minha mãe sorrir novamente e isso por si só já era mais do que eu já tinha visto a vida inteira. Não que ela não fosse de sorrir. O humor sempre esteve presente em casa, mas ela não era de sorrir daquele jeito como se ela pudesse fazer qualquer coisa no mundo. E como se fosse a própria estrela, ela brilhou.

O que quero dizer com isso é que dói ser feliz. Todos temos uma história, e as vezes ao escrevê-la acabamos por seguir caminhos que são inevitáveis, contudo, necessários. O fato é que caminhos são caminhos, e justamente por serem caminhos compreendem a ideia

de não serem fáceis de serem trilhados. Aprendemos então, que quando a gente segue um caminho tem automaticamente que lidar com a escolha que fez. Entendemos também, que quando optamos por fazer uma escolha deixamos de fazer outra, logo, devemos aprender a lidar com caminhos que não escolhemos também, assim como com as consequências que advém dessas partes não trilhadas. Quando abrimos mão de algo, abrimos mão também de tudo aquilo que esse algo nos traria.

São os caminhos que dirão quem você é, quem foi é quem será. A única maneira de viver sem o medo de escolher o caminho errado é escolhendo aquele que você sente que deve escolher, aquele que por mais medo que cause, por mais angústia que transmita, aquele que tem certeza. Entenda que suas certezas são quem você é, e que se sente que deve, então deve. Acredite, os maiores arrependimentos da vida não são de caminhos que escolhemos, mas sim daqueles que sentimos que deveríamos escolher e por medo, deixamos para trás.

Somos nossos sentimentos, e quiçá só eles. Agir contra o nosso sentir é justamente agir contra nós mesmos. É o caminho perfeito para o arrependimento, para os pensamentos que vêm e nos atormentam a noite, para as hipóteses do que poderia ter sido feito e não o foi. Talvez por isso o um clichê aqui tratado seja: siga o seu coração. Eu lutei contra tudo o aquilo que me impunha medo ao “desafiar” meu pai, mas se o fiz, fiz porque sentia que devia fazer, e foi o melhor a ser feito. Foi porque eu sabia que conseguiria viver num mundo sem ele por mais que doesse. Mas viver no mundo

comigo mesmo sabendo que poderia ter feito algo e não fiz, jamais conseguiria viver.

Lá em casa nunca foi fácil. Ser o caçula então... parece que piorava as coisas, isso porque o tempo de todo mundo chega primeiro que o seu, e quando o seu chega não há irmão caçula para te lembrar que chegou. Logo, você nem se dá conta de que está na sua hora. Talvez não seja compreensível assim de antemão, mas a sensação que dá é a de que você nunca vai ser tão feliz quanto os outros. Isso desilude uma criança, ser a última em tudo, alcançar tudo que os outros já alcançaram e não receber a atenção que os outros receberam, é como se sempre faltasse um degrau na escada, como se o copo nunca enchesse, estava sempre meio vazio.

Porém, havia vivo em mim e acredito que com o passar dos anos nunca tenha morrido, o sentimento de ser único e especial, de que eu estava destinado a algo maior, a transcender os limites da realidade local. Pequenas conquistas minhas, só minhas, pequenos objetivos alcançados por mim, só por mim. E era isso que me fazia crer que as certezas da minha vida não dependiam da atenção que eu não recebia, do amor que porventura sentia falta e muito menos da plateia que eu nunca tive.

Todo sonho começa com certezas de vida, e digo isso porque todos nós temos essas certezas sabe? Eu por exemplo, tinha várias e sabia que cada uma delas aconteceria no seu tempo, sem pressa. Hoje ao olhar para mim aos dezoito, escrevendo um livro, morando na cidade que eu sempre quis morar, fazendo o curso que eu sempre quis fazer, e sentindo que eu sempre tive certeza de que isso aconteceria comigo, tudo o que consigo pensar é em como

aconteceu. Porque eu não sei, tudo que sei é que quando se tem uma certeza na vida o que se deve fazer é de tudo para que ela se torne realidade.

Tudo o que tinha aprendido até os quinze anos vinha de vídeos do youtube. Era uma lista bem diversificada, mas em suma maioria *Daily vlogs*, basicamente eu alimentava meus sonhos da realidade de outras pessoas. Queria o que elas tinham, morar onde moravam e é claro, ser quem eram.

Porém, não dava para ser aquelas pessoas que faziam intercâmbios, que iam à Disneylândia, empreendiam peregrinações em volta do globo afim de elevação espiritual ou coisas assim com a minha idade, não dava. Eu ainda me surpreendia com o simples, ainda me abalava pelo pouco e me deixava levar pelas sensações do momento. Minha cidade ainda era maior que o mar, e eu ainda não sabia nadar, porque aos quinze tudo ainda é muito seco, opaco, simples e inédito. As experiências ainda não preenchem os vazios das dores futuras, o próprio futuro ainda não era tão visível e palpável como é o presente. Ir e voltar para a escola ainda era fácil e eu ainda não via poesia em tudo o que via, logo, tudo o que eu vivia nunca antes se tivera vivido, não por mim.

E quando senti que que o mar que era o meu mundo particular estava ficando pequeno demais para mim, disse a mim mesmo - chegou a minha hora. E ali na inocência da idade, na ingenuidade do coração chamei os meus pais e disse que ia embora. Meu pai sorriu, e sem dizer nada saiu voltou ao trabalho. Minha mãe vendo que eu não estava brincando, sem querer desmanchar o sorriso do meu rosto, me abraçou. Me senti autorizado pelo abraço,

e fui arrumar minhas malas, mainha veio atrás, “vai me ajudar” pensei.

Todavia, quando comecei a arrumar as malas percebi que minhas roupas não eram como as roupas daquelas pessoas, eram poucas e maltrapilhas, não serviriam. Ao ver o valor das passagens, tudo o que conseguia imaginar era em quanto mais teria que ter economizado para poder pagá-las. Ao ver o preço do aluguel de onde ficaria, tudo o que eu imaginava era em quantos amigos meus que passavam fome dava para alimentar com aquele dinheiro. “Deito a mala ao chão, olho para o batente da porta e compreendo o silêncio da minha mãe ao me observar. Pergunto o porque eu não poderia ser como as outras pessoas, ela me responde: Você pode ser quem você quiser, meu filho. Não entendo e me sinto incapaz, me dói o coração com uma dor aguda e sem menos, perco o ar. Choro.

Foi, quem sabe o tapa de realidade mais bem dado pela vida em alguém em toda história do universo.

Estava condenado a trabalhar no mercado local, a me casar com uma mulher local, ter filhos locais e viver naquele local. E ao mesmo tempo que condenado já estava cumprindo minha sentença, preso por correntes, que mais pesadas e apertadas se tornavam à medida que tomava conhecimento do que era real.

Contudo, não aceitei. Quem aceita esse tipo de coisa e fica no chão depois de apanhar é quem é comum, quem desiste. Não me permiti sentir dor, para mim a vida era mais que dinheiro, então

assim quase que instantaneamente, no mesmo momento em que a vida havia acabado de me bater na frente da minha mãe, levantei-me e bati de volta com o dobro da força.

Daquele dia em diante, decidi que eu iria mudar a situação da minha família, prometi a mim mesmo que não deixaria minhas condições dizerem até onde eu poderia ir, esse tipo de coisa é para quem aceita o que vem, e eu, a partir daquele momento iria.

E se hoje há coisa que eu inveje do meu passado, essa coisa é minha convicção dos dezesseis. É que era tão fácil. Já estava tudo tão definido sabe? Não pode álcool porque o pai já foi alcoólatra. Não pode pecar porque quem peca vai pro inferno. Não pode xingar porque quem xinga peca, e como já sabemos, quem peca vai para o inferno.

A religião era tão presente na minha vida que eu cheguei a ser uma daquelas pessoas que primeiro analisavam o que fazer de acordo as diretrizes da igreja e só depois faziam. Viver sob a regra e a conduta cristã me ajudou de certo modo a não tomar decisões que eu com certeza me arrependeria depois, por outro lado, fez com que eu nunca soubesse o que não podia fazer, já que nunca me fora permitido tal.

O conhecimento empírico do que é ruim nunca tive, logo, tudo o que não conhecia era ruim. Chega a ser inacreditável o número de vezes que julguei e aponte o dedo às pessoas só mesmo por serem diferentes de mim, por desconhecê-las. Não me orgulho disso, mas eu era doutrinado (para não dizer treinado) para amar o

próximo, desde de que este fosse igual a ele. Assim, ficava difícil por em prática o amor e os valores ensinados por Cristo, já que o medo de me contaminar com o mundo desconhecido impedia-me de amar aqueles a quem realmente nunca conheci.

A simplicidade nos engana por isso. Tem coisas na vida que não tem que ser simples, e entenda simples aqui como fácil. Tem coisa que não pode ser fácil, porque tudo o que vem fácil, vai fácil.

E assim se foi toda minha ideia sobre o que era certo ou errado, porque quando se é doutrinado à força não há resistência intelectual, basicamente, é um grupo de pessoas te julgando a cada passo que dá, apenas por ser em direção diferente do caminho delas. Foi então que passei a duvidar do que me vinha pronto, lembre-se disso: pensamentos prontos não foram pensados por você, logo, não há compromissos autorais, questione-os.

E quando comecei a estudar mais a fundo matérias como sociologia e filosofia, me peguei duvidando até mesmo de mim, logo de mim, aquele garotinho que sabia sempre o que fazer e dizer, agora não sabia sequer o que pensar. Então a religião que antes tanto venerava, passei a contestar, foi aí que tudo se complicou porque a ingenuidade dos quinze eu já não tinha mais e a coragem dos doze havia desaparecido.

Chegar em casa aquele dia foi difícil porque realmente eu não sabia como dizer para a minha mãe que eu não queria ser o que ela passou uma vida inteira me ensinando a ser. E quem sabe até

poderia continuar sendo num futuro próximo, mas não pelos motivos dela, e sim pelos meus.

Não dá para explicar para alguém que a experiência com Deus é, de um modo geral, individual. Que o que você passou e experimentou dele não serve para outros porque foi seu. Não dá para ser algo pelas experiências alheias, não dá para ver o mundo pelos olhos de outra pessoa. O que te faz forte não é o que te dizem que é forte, mas aquilo que viu e sentiu, ser forte. Como eu poderia explicar então para a minha mãe que por mais lindo que fosse acompanhá-la todos os dias aos cultos, não poderia mais o fazer porque eu queria trilhar o meu próprio caminho e ter as minhas próprias dores?

- Não! Não quero ser como a senhora que me diz para me afastar de meus amigos por que são católicos, mãe! Não quero ser como a senhora que vê apenas um caminho. Que diz que devemos amar o próximo e automaticamente exclui os que realmente estão próximos, me perdoe, mas eu não serei assim.

A discussão sobre ir ou não para o inferno durou por um bom tempo lá em casa. O efeito que brigar verbalmente com a mulher que mais te amou no mundo provoca em um rapaz é devastador. Certo dia, ela se ajoelhou no chão e disse que como havia um Deus no céu, tiraria suas mãos de mim e me deixaria à mercê de minhas atitudes. Coitada. Desesperada pelo meu bem, apelou para uma promessa vazia de verdades, contudo, cheia de amor.

Hoje ao tomar um copo de leite enquanto escrevo essas palavras, me lembro que toda noite antes de dormir eu gritava: MAMÃE! QUERO LEITE! E ela, com todo o amor e carinho do mundo, largava tudo para me esquentar um copo de leite. Ali deitado, a via não sair do pé do fogão até que estivesse na temperatura que eu gostava: nem muito quente nem muito frio. E enquanto a observava, tudo o que conseguia pensar era que a coisa que eu menos queria no mundo era fazê-la um dia chorar.

Eu e minha mãe somos um novamente. O que quis ensinar essa história, não foi que ser livre significa brigar ou bater boca com a mãe de vocês, NÃO FAÇAM ISSO, mas é que às vezes temos que fazer que temos que fazer, escolher um caminho e ir, dar passos que realmente indiquem alguma mudança futura. Quando meus amigos me perguntam porque eu sou tão forte assim quanto aparento ser, tudo o que consigo responder é que minha mãe ensinou a ser assim.

Não pense que eu aprendi muito com a briga que tivemos, eu aprendi mesmo foi com o perdão que recebi. Foi ali naquele momento que eu entendi como funcionava mais um clichê: temos que aprender a perdoar aqueles que nunca foram capazes de nos pedir perdão.

Segunda Parte

A dor de não ingressar na faculdade já doía a meses e ver meus amigos todos partindo só não doía mais que projetar-me num futuro onde nem um dos meus sonhos se realizariam. Era angustiante olhar todos ali se preparando para ir embora, em meio a despedidas e abraços longos de adeus e ficar parado, sem reação. Querendo mais que tudo estar no lugar deles, contudo, sem reação. Ao mesmo tempo em que mais angustiante ainda era ver as outras pessoas, aquelas, as que se deixaram ficar e foram engolidos pelo fácil, que não se angustiavam, se contentando com o pouco que lhes era oferecido como se muito fosse e empanturrando-se de nada como se fosse tudo o que houvera.

Pela primeira vez na vida senti-me triste, inútil. Era como se um tapa dado por uma moça de mãos fortes me acertasse o rosto com força tal que produzisse o estalo e ao mesmo tempo a ardência de cada um dos cinco dedos me queimasse a pele fina das bochechas sempre que pensava sobre o assunto. Não conseguia me conformar com nada daquilo, a inquietude de minha alma gritava, rasgava meu peito e dilacerava meu coração de tanta dor que sentia. Não conseguia me contentar sequer em ir à rua de minha casa sem pensar que não pertencia mais aquela rua e nem mesmo minha cama que me fora pertencente por uma vida inteira, era mais a minha cama.

Era compreensível a fase de transição. Jovens são jovens, eles desejam aquilo que não tem, são irresponsáveis, indecisos, comem besteiras, fazem besteiras, e é claro não menos importante, sonham; os que não sonham com certeza nasceram com algum defeito. O que era completamente incompreensível era a certeza de que tais

sonhos um dia se realizariam. E convenhamos, digo isso porque custa caro perseguir um sonho, e é mais caro ainda quando não há espaço para “financiamento de realidades paralelas futuristas almejadas por seres inconscientes”, excepcionalmente, numa realidade onde as contas vinham mês a mês e traziam consigo a sensação de que cada mês era o último a vir, que a comida de um dia não era garantida no outro, e que não importava quanto mais meus pais trabalhavam, menos dinheiro eles ganhavam ao mesmo tempo que menos saúde lhes restavam à viver.

O sentimento de que conquistaria o mundo escorregava-se lentamente de meu peito, e pouco a pouco a sensação de que minha vida seria aquela e nada a mais até que se findassem os meus dias tomava conta do meu coração. Afinal, o que fazer quando se procura uma saída lógica e não a encontra? O que fazer quando se percebe que é apenas mais um nesse mundo onde ser um, diferente dos demais é quase impossível?

Onde a vida toda se é estimulado a competir para “ser alguém melhor”, e os sonhos são implantados em nossas cabeças quase que criminosamente. É a historinha do sistema que se alimentava do esforço das criancinhas para se manter desigual. Criando jovens frustrados, arrependidos de um dia terem acreditado nessa mudança milagrosa chamada meritocracia. No fim, não adiantava ser o mais esperto ou o mais inteligente, porque a velha história se repetia, e o amigo rico que só passava de ano graças suas “ajudinhas” era realmente aquele que merecia a vaga que em tese, era sua.

Meritocracia? Que meritocracia é essa? Onde um jovem compra toda essa briga para mudar de vida e percebe que o que na verdade só merece aquilo que realmente tem? Como curar alguém que se sente abandonado e desprezado? Agora estava clara a utopia nas palavras de Mário Quintana: "Democracia é oportunizar a todos com o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, depende de cada um." Quando na verdade, o ponto de partida de um preto que vem do gueto não é o mesmo do playboy quem vem da zona sul, a começar pelo berço. Desde o dia em que nasci, fui sabotado.

Logo percebi que tinha mais uma escolha a fazer, poderia desistir de tudo, já que havia falhado em tudo. Ou, fingir que mais esse tapa de realidade que eu tomei não pegou em mim e continuar, mesmo sem forças, sem motivação, só continuar.

No ano de 2018 eu tentei de todas as maneiras possíveis entrar na faculdade, já havia sido desiludido quanto as públicas porque tinha entendido que não importava quanta disciplina eu tinha ou o quão aplicado eu era, Direito na federal era para quem literalmente se matava de estudar, ou para quem tinha condições de pagar um cursinho particular.

Foi então que optei pela universidade privada que é onde estudo hoje. Chegar até que foi a razão pela qual estou escrevendo esse livro. Não pela faculdade ser cara, ou bonita, ou muito boa. Mas por poder provar para quem quiser que quando a gente quer meu amigo, não tem quem não queira. Continuo pobre, continuo preto, continuo do gueto. O que mudou foi a minha resposta a todos aqueles que me perguntam como estou, pois, mesmo com as

dificuldades de morar fora e fazer Direito, eu posso responder com certeza que eu estou realizando o meu sonho. Estou batendo na vida que muito me bateu e ensinou. A tão aclamada professora que com seus métodos ou ensina, ou ensina, me ensinou.

Posso dizer que doeu chegar aqui e que as vezes dói enquanto estou aqui, mas que o fato de ter chegado até aqui só prova que por mais insignificantes que sejamos, podemos ser o que quisermos ser, fazer o que quisermos fazer e principalmente, chegar onde quisermos chegar.

Eu sempre soube que chegaria em algum lugar, só nunca soube onde nem quando. Os parâmetros de comparação eram sempre os mais altos, as expectativas sempre as melhores. A gente só percebe que chegará quando tem fé, e só percebemos que chegamos quando essa mesma fé se torna numa palavra. Obrigado.

Enquanto alguns pensam que querer muito algo a ponto de chorar por isso é ter fé em si mesmo e estar correndo atrás de seus sonhos, outros querem tanto algo, que fazem de tudo para torná-lo possível e se não o conseguem, não choram, mudam o plano, recalculam a rota, mas nunca o objetivo.

As vezes pode parecer que precisamos ir longe para alcançar um sonho que está a um passo de ser alcançado, logo, sofreremos além da conta e nos perdemos mais que o esperado. Isso acontece porque o mundo não é o para quem o quer, ou sonha em conquistá-lo, o mundo é para quem nasceu para tal, para quem corre atrás desse um passo, sempre acreditando em si mesmo.

Cada passo dado é um lembrete, como se fosse um auto recado "Tudo o que você tem que fazer é dar mais um passo" e quer saber? Agora eu já sei quando e onde devo chegar, eu chegarei no lugar que eu quiser estar, no exato momento que eu começar a lutar para estar lá.